Princípios agroecológicos para a cultura do pessegueiro

Agroecological principles for the peach culture

MAYER, Fábio André[1]; SURITA, Rita Miriam Gonçalves[2]; MARTINEZ, Ernesto Álvaro[3]; POLLNOW, Germano Ehlert[4]; WOJAHN, Elias[5]

1 Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, fanmayer@yahoo.com.br; 2 Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, capasul@terra.com.br; 3 Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, ernesto.alvaro@gmail.com; 4 Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, germano.ep@outlook.com; 5 Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, elias.wojahn@gmail.com

Resumo: Este relato integra as ações do Projeto "Fomento à transição ecológica da produção familiar de pêssego do Território Zona Sul do Estado/RS", desenvolvido pelo Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – CAPA, com apoio da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e tem por objetivo relatar os princípios de manejo agroecológico e práticas para a cultura do pessegueiro trabalhados na região Sul do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: Agroecologia; Pêssego; Agricultura familiar; Agroecossistema.

Abstract: This report integrates the Project actions "Promotion of ecological transition in family farming of peach production in South Zone of the State/RS", developed by the Centre of Support for Small Farmers (CAPA), with support from the Rural Development Department, Fisheries and Cooperative from government of Rio Grande do Sul State, and aims to report the principles of agro-ecological management practices and for the peach crop worked in southern Rio Grande do Sul region.

Keywords: Agroecology; Peach; Family farming; Agroecosystem.

Contexto

O município de Pelotas e região tem seu interior caracterizado por pequenas propriedades rurais. Desde os primórdios da colonização, estas propriedades historicamente foram geradoras de matéria-prima para as indústrias de conservas e compotas. Com a vinda de imigrantes europeus para o RS, a cultura do pessegueiro foi introduzida na região, apresentando uma excelente adaptação. Por volta de 1960 e 1970 houve o ápice do desenvolvimento desse cultivo na região. Existiram aproximadamente 100 pequenas fábricas de compotas e outros derivados, gerando empregos e desenvolvimento dos agricultores familiares.

Atualmente percebe-se um grande esforço no desenvolvimento de pesquisas na cultura do pessegueiro, o que possibilitou uma diversidade de cultivares. Foram obtidas cultivares com diferentes sabores, resistência e adaptação ao clima da região. Desta forma a cultura se mantém ainda em destaque na região e no Brasil. Apesar disso, o consumo do pêssego no Brasil ainda é muito pequeno. Segundo dados da Associação Gaúcha de Produtores de Pêssego, o consumo é de apenas 0,85 kg por habitante/ano.

Nas últimas décadas, com base na revolução verde e com os financiamentos propostos pelos governos, a cultura do pessegueiro tornou-se altamente dependente de insumos externos. Muitos agricultores familiares, não podendo acompanhar a intensificação da produção pelo aumento dos custos de produção, foram excluídos da atividade. Existem, entretanto, trabalhos de organizações não governamentais (ONGs), como o CAPA, que buscam reproduzir o ecossistema natural do pessegueiro, ou que pelo menos agrida minimamente o agroecossistema e permita reduzir a dependência externa de insumos por parte dos agricultores.

Descrição da experiência

Os conhecimentos apresentados neste relato são frutos de experiências locais vivenciados pelos agricultores familiares e equipe técnica do CAPA, ONG com mais de 30 anos de atuação na região. Com base na metodologia de pesquisa-ação, onde ocorre a co-evolução de cada agroecossistema, são relatadas maneiras alternativas de produção mais equilibrada com a natureza, socialmente mais justas e que garantem a manutenção e o sustento familiar, sendo uma alternativa à fruticultura de base familiar da região.

O cultivo de pêssegos necessita uma série de atividades, que inclui desde a manutenção do pomar, passando pela colheita e o processamento nas indústrias, até chegar à mesa do consumidor. No entanto, até o momento não se tem um diagnóstico completo sobre a cultura.

De um modo geral toda a região de Pelotas - RS e entorno apresentam condições especiais para o cultivo do pessegueiro. Os relevos suave-ondulados a ondulados, que predominam na região, apresentam boa aptidão para a fruticultura, sobre tudo para a atividade de persicultura.

Algumas considerações e práticas devem ser levadas em conta para implantação de um pomar de pessegueiros com base na agroecologia. Tais procedimentos, estes também utilizados para implantação de pomares através do Projeto "Fomento à transição ecológica da produção familiar de pêssego do Território Zona Sul do Estado/RS", estão descritos a seguir.

Na implantação do pomar é fundamental conhecer o histórico da área, os cultivos anteriores e se a área já foi cultivada com pessegueiros. Antecedendo o preparo da área devemos sempre fazer uma leitura da paisagem, observando a presença das plantas espontâneas indicadoras, como por exemplo, a presença da samambaia que indica solos ácidos, a guanxuma indicando solos compactados, o papuã presente em solos com pouca matéria orgânica, entre outras, e dessa forma traçar uma radiografia desse solo. E, para complementar, sempre que possível realizar análise do solo, e fazer as avaliações físicas e químicas para um completo diagnóstico e interpretação.

Antes de implantar o pomar, deveremos priorizar um cultivo anterior com adubos verdes, o que qualificará o sistema agroecológico, permitindo um ambiente equilibrado antes da chegada do pomar de pessegueiros. Estes podem ser tanto de primavera – verão (feijão miúdo, feijão de porco, crotalária) ou de outono-inverno (aveia, ervilhaca).

A calagem é uma etapa fundamental do preparo do solo para cultivo agrícola, que objetiva elevar os teores de cálcio e magnésio, neutralizar o alumínio trivalente (elemento tóxico para as plantas) e corrigir o pH do solo, para um

desenvolvimento satisfatório das culturas. Praticamente só os solos com pH abaixo de 5,5 (excessivamente ácidos) e superior a 7,0 (alcalinos) apresentam problemas relacionados com a disponibilidade de alguns nutrientes ou com a toxidez de outros, com a estrutura do solo, com a vida microbiana e simplificação da matéria orgânica, fixação de nitrogênio e enxofre, etc.

No que tange ao espaçamento a ser utilizado, para uma boa eficiência no desenvolvimento das plantas de forma ecológica um espaçamento maior permite um bom desenvolvimento arquitetônico das plantas e circulação do ar, permitindo assim maior longevidade ao pomar. Em geral, para pomares agroecológicos, recomenda-se utilizar espaçamento de 5 metros entre filas e 3 metros entre plantas, totalizando assim 666 plantas por hectare.

Ao final do outono, com a chegada do inverno, as plantas entram em estado de dormência. Este é o momento tanto de podar as plantas, como para mudar as mudas e formar um novo pomar. Sempre que se realizarem podas, sejam elas de formação ou frutificação, é necessário cobrir os cortes com pasta bordalesa, evitando-se assim a contaminação e a infecção com patógenos e doenças.

Frutíferas de clima temperado, como pessegueiro, macieira, pereira, etc. precisam de uma quantidade mínima de horas de frio, quando a temperatura for menor ou igual a 7,2°C, para sair do chamado repouso hibernal e partir para a brotação e floração. Essas quantidades variam de uma espécie ou uma cultivar para outra. Se a cultivar não tiver frio suficiente, ela não terá uma brotação e floração uniforme.

Resultados

Trataremos de abordar aqui as principais técnicas agroecológicas eficientes trabalhadas no referido projeto. A localização do pomar deve fazer exposição solar norte, permitindo o sol o dia todo. O pomar não deve ser alinhado a favor do desnível, devido a ocorrência de erosão. Quebra-ventos são extremamente

importantes para que o vento não dilacere as plantas nem disperse patógenos e doenças pelo pomar. Quebra-ventos ideais são aqueles que floresçam e atraiam polinizadores para o sistema. É premissa fundamental se trabalhar com adubação a partir de biomassa e adubos verdes, o que incrementará matéria orgânica, abrigando a mesofauna e aumentando assim a qualidade do solo e substituindo a adubação química. Os tratamentos no pomar podem ser feitos através de calda bordalesa, calda sulfocálcica, extrato de neem e armadilhas para *Grapholita molesta* e *Anastrepha fraterculus*. Ainda, deve-se dar preferência para cultivares precoces, pois quanto mais cedo obtivermos a produção, menos problemas teremos com o ciclo da *A. fraterculus*. Por fim, os pêssegos agroecológicos tem uma vida de prateleira maior, provavelmente devido ao uso de adubação orgânica e esta liberar os nutrientes lentamente para absorção pela planta.

Agradecimentos

Agradecemos à Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do estado do Rio Grande do Sul pela concessão do convênio junto ao CAPA, o que possibilitou a realização do trabalho com persicultores e com as organizações. Ainda, remetemos nossos agradecimentos às 200 famílias agricultores à Cooperativa Sul Ecológica, à Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA Sul) e à Cooperativa de Fruticultores e Apicultores da Zona Sul, que foram parceiras neste projeto.